



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

15 | 2014
Ponto Urbe 15

Vários Rios: Paisagens, lugares e memórias...

Edlaine de Campos Gomes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2035>

DOI: 10.4000/pontourbe.2035

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Edlaine de Campos Gomes, « Vários Rios: Paisagens, lugares e memórias... », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2035> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2035

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Vários Rios: Paisagens, lugares e memórias...

Edlaine de Campos Gomes

- 1 O Rio de Janeiro é foco de análise de uma extensa lista de pesquisas, provenientes das mais diversas áreas. Sua paisagem é repetidamente acionada como valor cultural, entranhado no imaginário coletivo e, muitas vezes, utilizada como contraponto às mazelas da metrópole. Em 1º de julho de 2012 se tornou a primeira cidade do mundo a receber o título da UNESCO de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural (IPHAN, 2012). Paisagem e mazelas podem estar associadas ou dissociadas, dependendo por quem e para quem se constrói a narrativa sobre a cidade. Há certa homogeneização, pelo cenário que a comporta. Em um sobrevoo, abre-se a lente e, em perspectiva panorâmica, o “Rio continua lindo”, apesar da expressiva diversidade e desigualdade que, mesmo ao longe, estão lá, expostas ao olhar. Vale aproximar a lente, colocar outros óculos ou servir-se de vários deles, para problematizar paisagens, lugares, memórias desses diversos Rios.
- 2 Os temas dos artigos que compõem este dossiê estão interligados, não apenas pelo fato de as pesquisas terem sido realizadas a partir da perspectiva do Rio de Janeiro como ator, e não somente como cenário. A cidade passou e passa por transformações urbanas em toda sua constituição histórica, organizadas ou não pelo poder público. Trata-se de uma trajetória marcada por revitalizações, construções, demolições, remoções. Poderia escolher vários eixos de leitura para apresentá-los, como a metodologia adotada pelos autores, os olhares impressos na e da cidade, a produção de memória de pessoas, lugares e objetos, que interagem no processo de construção de identidades e paisagens locais. Os artigos possuem, cada um a seu modo, riqueza própria, capaz de instigar reflexões sobre os argumentos desenvolvidos pelos respectivos autores. Constituem olhares sensíveis sobre a dinâmica urbana, em seus distintos aspectos intercambiáveis. A cidade aparece polifônica, conflituosa, continuamente transformada e transformadora. Não é só cenário ou paisagem.
- 3 Para abordar esse processo de transformações, o texto de Alberto Goyena contribui para a reflexão sobre o complexo “mecanismo mnemônico de coletividades urbanas”, ao analisar a trajetória e de que maneira são tratados os resíduos arquitetônicos de edifícios

demolidos. O desmonte parece ser o fim, mas o entulho, paradoxalmente, continua como o caminho de combate ao desaparecimento. Narra a presença de “garimpeiros urbanos”, atores sociais que fomentam a circulação desses materiais, dando prosseguimento e ressignificando seus usos e trajetórias. Na mesma direção, o relato etnográfico de Douglas Evangelista aborda a circulação e o consumo de objetos. O autor observa feiras de usados e antiguidades, que ocorrem no centro da cidade, denominadas *shopping-chão*. Aponta um complexo manejo e fluxo de objetos garimpados, inseridos em um circuito de trocas e classificações, além de interações marcadas por sua “proveniência duvidosa”. Estas também são afetadas pelas reformas urbanas atualmente em curso na cidade, particularmente na área central.

- 4 Neste mesmo contexto pode ser incluída a questão dos cinemas de rua, tema de Marcia Bessa e Wilson Oliveira, que estão em fase de resistência ao risco de extinção. No entanto, ao passo em que cada vez mais se ausentam da paisagem urbana do Rio, aparecem novos tipos de projeção na cidade, caso do fenômeno chamado *live cinema*, que utiliza equipamentos urbanos, como monumentos, prédios, muros, como telas. Tais inovações imprimem uma nova geografia e experiências concernentes ao lugar/hábito cinema. Os usos de alguns destes como tela é foco do debate empreendido por Christina Vital, que, a partir de imagens de cunho religioso impressas nos muros da Favela de Acari, Zona Norte do Rio de Janeiro, analisa projetos religiosos de cidade em contexto de disputa por espaço, memórias, fiéis. Há tensão social e religiosa. Aqui também nota-se uma geografia da cidade, demarcada pela arte efêmera urbana, como no caso dos novos tipos de projeção de imagens e seu potencial de extrapolar as salas de cinema, só que demarcada pelos grafites religiosos disseminados por vários locais da cidade. O tópico destruição (incluindo desmonte, descarte, circulação e agências) assume relevo, como nos artigos anteriores. Imagens de santos e orixás, em formato de estátua ou em pinturas/grafites, se deterioram com o tempo e, também, pela intolerância religiosa. São apagadas ou substituídas por orações, mensagens e imagens com temática bíblica.
- 5 No mesmo eixo da destruição pode-se incluir o texto de Júlio Bizarria, que aborda a remoção da favela do Morro do Pasmado, que se localizava em Botafogo, em pleno coração da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Em 1950, após os moradores serem retirados com seus pertences, ela foi destruída pelo “fogo controlado” providenciado pelas políticas de estado, que previa a extinção das favelas por meio da remoção de seus habitantes para conjuntos habitacionais longínquos. Há décadas não está mais na paisagem, considerada hoje como patrimônio, mas sua memória permanece, ainda que dispersa nas lembranças de seus ex-moradores e nas páginas dos jornais da época. Outro tipo de remoção é analisado por Nina Bitar. Aqui o Mercado Municipal da cidade do Rio de Janeiro emerge, no contexto de “revitalizações” que marcam a história da cidade. A remoção de mercados municipais para áreas afastadas dos grandes centros urbanos é apontada como prática comum em diferentes países. O “original” localizava-se na Praça XV, região central, e foi quase que integralmente demolido, em 1962, com a finalização do Elevado da Perimetral. Atualmente este está em processo de demolição, numa nova onda de reformas pela qual passa novamente o Rio de Janeiro. No mesmo ano, o Cadeg (Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara, hoje dedicado em grande parte ao mercado das flores, este nome permaneceu, mesmo após a criação do Estado do Rio de Janeiro, em 1975) – foco da pesquisa – foi inaugurado, mas somente em 2012 foi decretado como o “novo” mercado municipal. Localizado em Benfica, Zona Norte, próximo do centro da

cidade. Com um novo processo de “enobrecimento”, hoje é valorizado, como integrante dos “pólos” gastronômico e turístico.

- 6 Renée Maia contribui ao debate, com a perspectiva das interações sociais implicadas na noção de hospitalidade no turismo, tomando como foco de análise a escolha por Santa Teresa. O bairro pode tanto ser apresentado em sua face aprazível, turística, artística e boêmia, como na figura do “perigo”, da insegurança e pobreza. A produção de discursos é profícua e, muitas vezes, é possível identificar tensões e confluências entre versões locais e externas, positivas e negativas, sobre ele: “um lugar de artista, de drogado, de vagabundo, do marginal”, “um lugar da noite, da farra, da insegurança”. Entretanto, também, é visto como um oásis de tranquilidade dentro da metrópole, com características de cidade pequena: “aqui todos se conhecem”, “aqui ainda se pode contar com os vizinhos”, é “tranquilo”. Vale referir que ambos os perfis são afetados pelas intervenções e projetos urbanísticos promovidos pela gestão pública no decorrer dos anos, mas permanecem reproduzidos nas falas e percepções sobre o lugar, que também pode ser analisado como liminar, pois está situado no limite entre o Centro e a Zona Sul da cidade. Centro-periferia, morro-asfalto, deterioração-revitalização, são interfaces críticas, constantes em sua classificação, mencionadas em discursos variados, produzidos sobre o Rio de Janeiro.
- 7 Na seção “Outros Rios” constam um artigo e um ensaio fotográfico. Foram incluídos com o intuito de expandir a noção de Rio de Janeiro, já que não só a cidade recebe esse nome, mas também o estado. Da mesma maneira que objetos e grafites religiosos preenchem as ruas da cidade do Rio, uma procissão ganha as ruas de Mauá, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Gaspar apresenta em seu ensaio fotográfico esta que, curiosamente, não é um evento católico, mas da Umbanda, realizada em homenagem a São Miguel Arcanjo, desde 1966. No registro da diversidade religiosa e ocupação do espaço público, discussão também empreendida por Vital, o ensaio coloca em evidência uma manifestação religiosa que exemplifica a complexidade e a riqueza do campo religioso brasileiro. Feiras, procissões, projeções, arte urbana, festas, mercados e objetos traduzem relações e interações sociais no espaço urbano. De certa maneira, estão no fluxo dinâmico das cidades, nos quais o efêmero e o duradouro estão em constante tensão. É neste sentido que André Monteiro analisa a conformação da prática festiva chamada Caninha Verde, em Vassouras (estado do Rio de Janeiro), cidade ligada, histórica e economicamente, ao Rio de Janeiro. Por meio de narrativas de praticantes da Caninha Verde, que envolve músicas e dança, são contextualizadas transformações e permanências nos espaços festivos e nas formas de sociabilidade locais.

AUTOR

EDLAINE DE CAMPOS GOMES

Docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Pesquisadora Associada do NAU-USP e Jovem Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). edlaine@gmail.com